

João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

Gilberto Freyre: tradicionalista conservador, futurólogo vanguardista ou simplesmente pós-moderno?

CIBELE BARBOSA

*Aluna do Curso de Graduação em História
Universidade Federal de Pernambuco*

Seria bastante interessante iniciar esse ensaio tratando das diversas denominações atribuídas a figura do pensador Gilberto Freyre. Porém é melhor considerá-lo escritor(palavra que liberta das amarras dos especialismos) já que o próprio Freyre preferia ser chamado assim ao invés de sociólogo ou determinações do gênero. Como dissera, inúmeros são aqueles que se dispõem a oferecer uma caracterização em poucas palavras que exprima o "ser" Gilberto Freyre: um romântico? Um conservador tradicionalista ou um futurólogo vanguardista? Palavras de efeito não faltam. Expressões do tipo "*O Brasil faz 100 anos*" ou "*Freyre: o inventor do Brasil*" preenchem os títulos de ensaios, livros e capas de revistas. Não caberia, portanto, neste ensaio enumerar as caracterizações assim como as definições teóricas do pensamento gilbertiano.

Ao adentrar nas discussões sobre a importância de Freyre nos quadros interpretativos do Brasil, causa-nos a impressão de que o que poderia ser discutido sobre o autor gravite em torno da trilogia **Casa-Grande & Senzala, Sobrados & Mocambos e Ordem & Progresso**. Se ousássemos ir mais adiante, nas obras tardias do autor, especificamente aquelas que são produzidas após os anos sessenta, o quadro de debates e contribuições intelectuais se ampliaria.

Nesse ímpeto pesquisamos as obras de Gilberto Freyre pós anos sessenta cuja primeira obra, basilar, é o livro **Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do Homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular**. Nestes ensaios o pensador de Apipucos classifica-os como ensaios de futurologia. As abordagens antecipadoras e vanguardistas do livro revelariam um Gilberto Freyre preocupado em abordagens contemporâneas, cibernéticas, inclusive. Publicado em 1973, o livro é bastante sintomático das expectativas do autor com relação às transformações que abalaram as velhas estruturas sociais alicerçadas na tradição. A composição das idéias freyreanas na obra estão repletas de menções ao conflito de gerações, aos novos hábitos e costumes cujo eixo central está na chamada **Revolução Biossocial**; provocada pelo aumento da automação, e conseqüente aumento do lazer e da média de vida humana.

A análise freyreana, desse período de intensa transição, parte de um olhar psicossocial sobre o cotidiano, sobre as transformações que se operam na intimidade: na moda, na alimentação, nas relações interfamiliares.

Em uma leitura apolínea da obra Gilbertiana, as menções a informática, automação (valorização do ócio criativo típico da sociedade pós-industrial à *la* Domenico De Masi), genética, nos levaria, diretamente, a atribuímos em Freyre a caracterização de um autor moderno.

Para tanto precisaríamos estabelecer a diferenciação do pensador moderno do

escritor modernista. A escrita freyreana, dinâmica, imagética, oral, não padronizada caracteriza-o como um escritor modernista. Entretanto, ao fazermos uma análise dionisíaca do pensamento gilbertiano, lembraríamos das palavras de Armando Mendes quando diz que fazer boa ciência social significa necessariamente capturar todas as dimensões da vida humana em seus múltiplos aspectos, e remeteríamos à Freyre: autor múltiplo, plural que busca abranger e conciliar, empaticamente, os mais contraditórios elementos da vida humana, amalgamando-os, sintetizando-os

Vai ser sob a perspectiva de um Gilberto Freyre sintetizador de contrários que iremos entendê-lo nos seus ensaios pertencentes à obra **Além do apenas moderno**. Nesta produção Freyre destaca as transformações modernizadoras à qual citamos, entretanto, tal como a outra face da moeda, irá retomar os valores, comportamentos e ações tradicionais e colocá-los diante das modernizações destacadas.

A partir de então, o autor tece a crítica à modernidade que se estabelecera monoliticamente na sociedade ocidental, negando, pois, as tradições e as raízes arcaicas peculiares à regionalidade de cada povo; do brasileiro em geral, do nordestino em particular.

Freyre, nesse aspecto seria um crítico da modernidade: ao racionalismo cartesiano, ao "phdeísmo" (neologismo do autor) aos especialismos intracientíficos, a concepção calvinista do "time is money" que permeia as relações sociais modernas, a escrita acadêmica, os purismos metodológicos.

Enfim, uma série de elementos epistemológicos e científicos típicos da construção da modernidade, assim como aspectos gerais da sociedade moderna, são encarados como negadores dos componentes que também são de suma importância para o conhecimento científico e para o reconhecimento da própria identidade no âmbito social: ou seja, para o intelectual, esses elementos "esquecidos" estariam no reconhecimento da percepção extralógica, extra-racional, na consideração das crenças e dos mitos, na criatividade, revalorizando os aspectos da imaginação, do desejo.

O autor chega a propor um "dadaísmo científico" ou um "neoromantismo científico" para dizer que o pluralismo metodológico e as relações empáticas com o objeto de estudo podem ser reinseridos nos quadros epistemológicos atuais.

Assim nos fala o autor:

"Pois não se pense dos mitos que facilmente se deixam extinguir pela racionalização da vida através da tecnologia: esperam sempre o momento de ressurgir sob novo aspecto." (Freyre, 1973: 67)

Sob essa afirmativa Freyre seria interpretado como um tradicionalista.

Para que, novamente, não se polarize as considerações acerca de um escritor tão polidrico como Gilberto Freyre. O próprio autor, em entrevista concedida, nos anos 70, a Renato Carneiro Campos, afirma que "A tendência para a renovação ou a inovação, o ânimo experimental(...) têm sido em mim - creio eu - predominantes (...). Dos seus excessos me tem resguardado o gosto pela tradição, pela continuidade, pela própria rotina. É outra das minhas contradições" (Campos, 1970: 08).

O que a pesquisa, expressa nesse ensaio, ressalva, é o aspecto criativamente original do autor em conciliar a tradição com a modernidade; apesar de crítico da

construção moderna Freyre não mutila seu devido valor. Contudo, busca soerguer as continuidades, os aspectos tradicionais, muitas vezes incompatíveis com os padrões modernos de ciência e de sociedade, mas que estão presentes em nossa identidade.

Inseridos nas discussões mais atuais sobre crise da modernidade, procuramos encarar o pensamento gilbertiano, expresso nas obras pós-anos sessenta, como uma abordagem híbrida, entre o racional e o irracional, entre o cosmopolitismo e o regionalismo, entre o tecnológico e o rústico, entre o apolíneo e o dionisíaco, entre o lógico e o extralógico, o mensurável e o não-mensurável, o subjetivismo e o objetivismo, entre outros.

Mergulhado nas instabilidades da crise dos paradigmas modernos, Freyre não procura se ater a concepções lineares, ou a extremos, mas situa-se em uma região de fronteira, medianiz entre o arcaico e o moderno. Sua forma mista de equilibrar as contradições define-o como um autor transmoderno, inserido na temática pós-moderna, caracterizando portanto a o título e o conteúdo da obra **Além do apenas moderno**.

Essa visão pós-moderna, é prevista e antecipada por Freyre na entrevista (Campos, 1970: 08) ainda durante a elaboração da obra citada, quando afirma: "*Não pensemos no futuro em termos imediatamente modernos e sim pós-modernos*".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Renato Carneiro. (1970). **Gilberto Freyre, entrevistado aos 70**. Recife: UFPE.

FREYRE, Gilberto. (1973). **Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do Homem, em geral, e do Homem brasileiro, em particular**. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. (1978). **Alhos & bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce a cachaça; de José Lins do Régio ao cartão postal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. (1983). **Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e não num mundo em transição**. Porto Alegre: Globo.

_____. (1987). **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record.

REIS, José Carlos. (1999). **As identidades do Brasil: de Varnhagen à FHC**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.